

UMA REFLEXÃO SOBRE A ADEQUAÇÃO DOS LIVROS DIDÁTICOS DE GEOGRAFIA PARA ALUNOS SURDOS, 7º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL II

Larissa Guimarães Santos¹
Leila dos Anjos Santos²
Tereza Genoveva Nascimento Torezani Fontes³

RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar os livros didáticos de Geografia com a finalidade de elaborar material didático pedagógico para alunos surdos do 7º ano, Ensino Fundamental II. Considerando que a língua natural do surdo é gestual-visual, e apresenta significativas diferenças em relação a sua segunda língua que é o português, a produção de material didático específico ou adaptado pode contribuir na aplicação de conteúdos geográficos que os surdos apresentam maior dificuldade na aprendizagem. A metodologia aplicada é descritiva e analítica, a qual busca identificar e analisar os conteúdos de quatro livros didáticos do 7º ano, por meio da estratégia de levantamento bibliográfico, bem como facilitar a criação de mecanismos no processo de inclusão dos alunos surdos na escola regular. Os resultados indicam que a apresentação dos conteúdos nos livros didáticos atuais, estão bastante imagéticos e considerando que os conteúdos podem ser ensinados de diversas formas, uma pequena adaptação na mediação para o aluno surdo se faz necessária para que o ensino-aprendizagem aconteça de forma mais eficaz.

Palavras-chave: Material didático. Surdos. Ensino de Geografia.

A REFLECTION ON THE FITNESS OF GEOGRAPHY TEACHING BOOKS FOR DEAF STUDENTS, 7th YEAR OF FUNDAMENTAL EDUCATION II

ABSTRACT

This article aims to analyze the geography textbooks with the purpose of elaborating educational didactic material for deaf students of the 7th year, Elementary School II. Considering that the natural language of the deaf is sign-visual, and presents significant differences in relation to their second language,

¹ Especialista em Ensino de Geografia pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Professora de Geografia em atuação no Ensino Fundamental II. E-mail: lariy.guima@gmail.com

² Mestra em Educação. Graduada em Pedagogia, Geografia e Comunicação Social (UESC) | Pós-graduada em Gestão Escolar. E-mail: comunicacao88@gmail.com

³ Mestra em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente. Professora Assistente do Departamento de Ciências Agrárias e Ambientais da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). E-mail: terezatorezani@gmail.com

Portuguese, the production of specific or adapted teaching material can contribute to the application of geographical content that the deaf have greater learning difficulties. The applied methodology is descriptive and analytical, which seeks to identify and analyze the contents of four textbooks of the 7th year, through the bibliographic survey strategy, as well as to facilitate the creation of mechanisms in the process of including deaf students in regular schools. The results indicate that the presentation of the contents in the current textbooks, are quite imagery and considering that the contents can be taught in different ways, a small adaptation in mediation for the deaf student is necessary for the teaching-learning to happen more effective.

Keywords: Educational material. Deaf. Geography teaching.

INTRODUÇÃO

A prática de ensino da geografia perpassa por problemáticas que envolvem os conteúdos a serem escolhidos, bem como as maneiras que os mesmos devem ser aplicados. Quando se pensa nos alunos surdos essas problemáticas são ampliadas, uma vez que o material didático oferecido nas unidades escolares nem sempre dispõe de subsídios adequados para serem trabalhados com este público.

Em contrapartida, o ensino de geografia pode oferecer em seus conteúdos amplas possibilidades de se trabalhar dentro da sala de aula de forma criativa e adequada com os alunos surdos. Nessa perspectiva, o livro didático é um recurso que pode ser usado pelo professor a favor da aprendizagem no aluno. No entanto, a realidade que se observa é totalmente contrária aos objetivos que se quer alcançar na realização do ensino-aprendizagem e muitos são os obstáculos que os docentes enfrentam no desenvolvimento desse trabalho, inclusive a falta de preparação para se trabalhar com alunos que tem deficiência auditiva profunda.

Diante disso, tendo em vista as possíveis dificuldades de aprendizagem de assuntos enfrentados pelos alunos surdos, devido a falta de adequação nos livros didáticos para este público, faz-se necessária essa temática que serve de alerta para educadores que ensinam alunos surdos e precisam de diversos mecanismos para facilitar sua prática pedagógica dentro da sala de aula.

Logo, o artigo teve como objetivo analisar os livros didáticos de geografia com a finalidade de elaborar material pedagógico para os alunos surdos do 7º

ano, do Ensino Fundamental II. Para isso foi necessário detectar os principais assuntos utilizados nos livros didáticos do 7º ano, do Ensino Fundamental II; apontar os principais assuntos que apresentam maior dificuldade de ensino para o aluno surdo e propor uma prática pedagógica para facilitar o ensino de geografia para os alunos surdos, a qual pode servir de modelo ou ponto de partida para que os educadores desenvolvam seus próprios trabalhos.

Os materiais elaborados exploraram a modalidade gestual-visual, a fim de possibilitar o aumento da compreensão da aplicação dos conteúdos. A saber, além da análise dos livros didáticos, essa preparação consistiu na utilização de recursos paradidáticos e de outros materiais como figuras, que podem utilizar tanto a língua natural do surdo quanto à língua portuguesa.

Revisão de Literatura.

A sociedade a partir do século XVI presenciou metodologias e práticas que possibilitaram um olhar inicial e diferenciado para educar sujeitos surdos, antes considerados “anormais” e inúteis. Contudo, a datilologia (empréstimo do alfabeto em forma sinais), o uso da escrita e a tentativa da oralização não foram suficientes para impulsionar a autonomia dos surdos. Por outro lado, no século XVIII aumentou-se o número de escolas e de professores de surdos em todo o mundo, e os surdos começaram a ter uma participação efetiva na sociedade e a utilizar os sinais como meio principal de comunicação.

Logo após o congresso em Milão (1880) novas perspectivas foram traçadas e decidiu-se que deveria extinguir a comunicação do surdo através de sinais, impondo assim o oralismo, uma vez que através de estudos registrou-se que a surdez era uma doença com possível cura. As conquistas e retrocessos entre os momentos históricos se refletem até hoje nas práticas docentes, alguns defendem a linha da comunicação total, muitos do oralismo e poucos do bilinguismo. Por conta disso, a ideia da filantropia ou assistencialismo predomina na maioria do corpo docente e os impedem de ver o surdo como um sujeito capaz de aprender, desenvolver seus pensamentos e lidar com os não-surdos.

Diante disso, o capítulo V, art. 59 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9.394/96 assegura aos alunos de educação especial “currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específicos,

para atender às suas necessidades”. Entretanto, se o docente considera o surdo como um deficiente todo o processo de possível avanço é retardado e o modelo tradicional de ensino, que só integra ao invés de incluir, é efetivado. Como Freitas (2013, p.7) percebeu em sua pesquisa, os professores adaptam a didática de ensino “com base em “ensaio e erro”, não tendo recebido formação para trabalhar nesse contexto” da surdez. Essa formação engloba o conhecimento da cultura surda bem como o reconhecimento da Língua de Sinais como língua natural do surdo, como garante a Lei de Libras nº 10.436/2002.

Como propõe os Parâmetros Curriculares Nacionais, os conteúdos a serem aplicados devem estar em consonância com as questões sociais que marcam cada momento histórico, partindo em grande parte da realidade dos alunos para que aprendizagem possa ocorrer de forma eficaz.

Menezes e Santos (2007) corrobora ao dizer que o docente deve tratar “os conteúdos de ensino de modo contextualizado para dar significado ao aprendido, estimular o protagonismo do aluno e estimulá-lo a ter autonomia intelectual”. A execução desses procedimentos exige o conhecimento prévio de quem é esse aluno surdo para viabilizar as condições de comunicação que garantam o acesso à informação e ao currículo, pois de acordo com Skliar (1997) existe uma grande diferença em compreender a surdez como deficiência e compreendê-la como diferença, assim a promoção do processo educativo para o surdo, de forma que atinja os objetivos esperados dos planos de aulas, requer adaptações curriculares e/ou elaboração de materiais didáticos.

Para elaborar esses materiais didáticos é imprescindível saber que o material didático foi originado a partir do surgimento do livro didático, com a invenção da imprensa no século XV, vinculado ao ensino de línguas (PAIVA, 2012).

Desde o momento em que o livro passou a ser usado no ambiente de ensino, o mesmo assumiu um caráter didático na sua utilização pelos alunos e professores. Nesse sentido, o material didático antes produzido, voltado para as línguas eram construídos com a perspectiva de fornecer autonomia ao aprendiz através dos diálogos e exercícios de conversação incluídos no próprio material, como os discos, nos quais estavam gravados os sons dos símbolos fonéticos e, posteriormente com o avanço das tecnologias “vieram os cassetes, CDs, CD-Roms e agora a internet” (PAIVA 2012, p. 8).

Segundo Vilaça (2009), material didático é tudo aquilo que é utilizado como suporte para o auxílio do ensino-aprendizagem utilizado pelo professor/aluno com o objetivo de contribuir para uma eficácia na aprendizagem, devendo estar tanto a serviço do professor, quanto do aluno. Por conseguinte, o material didático não diz respeito apenas ao livro didático, mas a toda forma de auxílio no ensino-aprendizagem, são exemplos: “resumos, tarefas, CD-Roms, vídeos, CDs, exercícios fotocopiados elaborados pelo professor [...]” (VILAÇA, 2009, p.5).

Diante dessas informações, Quadros e Schmiedt (2006) desmistifica a ideia de que os recursos didáticos para trabalhar com o aluno surdo são limitados ou escassos, apesar de ser uma das queixas dos professores, o que faz a diferença nesse aspecto é a criatividade do professor, bem como a troca de ideias entre os profissionais da área, o registro, a divulgação destes recursos e a habilidade para elaborar materiais adequados para determinados momentos. Essa adaptação curricular, de acordo com Elena e Coll (1986) é realizada com base nos objetivos da prática, quando se escolhe e seleciona os conteúdos dentro dos eixos temáticos das unidades que requeiram adaptação quanto à forma de acesso ao conteúdo.

Visto isso, tendo como público alvo os alunos surdos do 7º ano, a análise dos conteúdos trabalhados nos livros didáticos de Geografia busca identificar as problemáticas envolvidas para a aprendizagem desses estudantes, e encontrar soluções e meios de elaboração ou adaptação dos materiais produzidos, o qual pode beneficiar tanto alunos surdos quanto os alunos não surdos.

Nesse sentido, deve-se observar que há uma grande diferença entre a língua de sinais brasileira e a língua portuguesa, principalmente no que diz respeito às estruturas gramaticais, o que pode gerar alguns equívocos no processo de ensino. A saber, a língua de sinais é de modalidade gesto-visual e utiliza, como canal ou meio de comunicação, sinais - movimentos gestuais e expressões faciais; Já a Língua Portuguesa é de modalidade oral-auditiva e utiliza, como canal ou meio de comunicação, sons articulados. Por conta disso, investir em imagens, pequenos textos, vídeos, e atividades para preencher e relacionar são algumas das propostas que mais facilitam o ensino-aprendizagem do aluno surdo, ressaltando que as propostas de atividades se diferenciam de acordo com os níveis de ensino.

Os níveis de ensino são determinantes para direcionar o educador nas suas escolhas didáticas, apesar de em todos os níveis no ensino do surdo a língua portuguesa ser estudada constantemente como segunda língua. Na Educação Infantil e parte do Ensino Fundamental I, por exemplo, a aquisição da língua portuguesa escrita pelo surdo é explorada com mais ênfase, o que pode ajudar no desenvolvimento de capacidades intelectuais e cognitivas visto que a falta de materiais didáticos específicos ou de intérprete compromete a aprendizagem do surdo. Quando se trata de Ensino Fundamental e Médio, onde as disciplinas são elencadas pelas diferentes áreas da ciência, há uma maior preocupação visto que alguns professores se sentem despreparados e inseguros para compartilhar e construir determinado assunto dentro da sala de aula quando um surdo faz parte deste ambiente, precisando assim de metodologias, didática e técnicas que embasem seu modo de pensar e de refletir perspectivas que abarquem todos os alunos de forma inclusiva.

Em relação ao ensino da geografia Vesentini (1996, p.3) traz uma importante reflexão quando diz que,

o mundo mudou e o ensino da Geografia procura acompanhar essas mudanças, pois o papel da Geografia no sistema escolar nada mais é do que explicar o mundo em que vivemos, ajudando o aluno a compreender a realidade espacial na qual vive e da qual é parte integrante.

Dessa forma, a conexão com o local vivido é o primeiro passo para que o aluno comece a entender a totalidade do espaço geográfico, uma vez que se acredita que deve haver dificuldades para o aluno surdo em entender os conceitos e linguagens específicas da geografia. Contudo, a elaboração de materiais didáticos a partir do livro didático oferecido pela unidade escolar, é um recurso viável e que na maioria das vezes não se prende a escrita, a qual o surdo apresenta grande dificuldade por sua língua ter estrutura gramatical diferenciada.

Sobre o ensino da geografia, Cavalcanti (2002, p.71) traz considerações sobre a aplicação dos conteúdos aos alunos quando diz que “o caminho mais adequado para desenvolver os procedimentos no ensino de Geografia é o de uma reflexão inicial sobre os objetivos de ensino”. É a partir desses objetivos que o professor irá planejar, estudar as melhores formas e elaborar materiais

didáticos para contribuir na formação do surdo quanto à perspectiva sobre assuntos geográficos que estão ligados ao seu cotidiano e que o ajudarão a (re) ler o mundo em um novo ângulo.

A saber, o surdo tem seu desenvolvimento cognitivo estruturado a partir das informações visuais, por conta da sua língua ser de modalidade gestual-visual. Logo, a imagem é um ótimo instrumento para a eficácia na aprendizagem dos surdos (SILVA; BARAUNA, 2007). Nesse sentido, o visual deve ser explorado nas aulas ministradas pelos docentes, e espera-se que os livros didáticos tragam ilustrações em seu conteúdo a fim de facilitar o aprendizado desses alunos e subsidiar da melhor forma sua evolução e desenvolvimento cognitivo. Além de facilitar a percepção dos alunos surdos, a imagem torna a aula mais atrativa para todos os outros estudantes. Nessa perspectiva, a disciplina de geografia é privilegiada por possuir na maioria dos livros didáticos imagens que remetem ao conteúdo, o que funciona como auxílio para a compreensão.

Dentro da perspectiva da utilização da imagem, é possível trabalhar em sala com fotos, desenhos, mapas e maquetes. A última opção pode ter um resultado satisfatório, já que a finalidade da elaboração de maquetes pelos alunos é leva-los a compreensão, reflexão e representação do seu espaço vivido e construído por eles, buscando uma leitura e posterior interpretação.

Outra ferramenta possível é a exploração, pelo professor, de recursos oferecidos pelas Tecnologias de Comunicação e Informação (TICs) no ensino de geografia, pois a rede de computadores que têm sido instalados nas escolas utiliza o sistema operacional Linux Educacional, onde dispõe de jogos educativos que atraem os alunos, sem contar nos livros didáticos que vêm acompanhados de CD-ROM ilustrativo que podem ser utilizados pelos alunos como instrumento de auxílio na aprendizagem.

Igualmente, a criação de um laboratório de Geografia dentro das escolas é uma ideia interessante, onde contenham computadores, data-show, televisão, vídeos, maquetes e mapas, a fim de facilitar o aprendizado dos alunos surdos. No entanto, sabendo que muitas escolas ainda não dispõem de um laboratório de Geografia, é possível elaborar murais, executar materiais a partir de materiais recicláveis e de baixo custo, nesse caso, precisa-se apenas da criatividade dos docentes para a efetivação desse trabalho.

Diante disso, durante a graduação, a discussão sobre a educação inclusiva deve sempre permear os horizontes de cada disciplina, uma vez que os futuros docentes podem encontrar alunos com necessidades educativas especiais e conseguir articular a melhor forma de ministrar suas aulas com a presença desses alunos.

Além disso, os docentes já graduados devem buscar aperfeiçoar suas práticas educativas através da formação continuada, bem como, se possível, aprender a língua de sinais e conhecer a cultura surda a fim de tornar suas aulas mais compreensivas e dentro da realidade do aluno surdo.

Metodologia.

A metodologia se baseou no tipo de pesquisa descritiva e analítica. Descritiva porque busca identificar os conteúdos dos livros didáticos do 7º ano, do Ensino Fundamental II, a fim de obter informações quanto à forma das abordagens dos conteúdos. Sendo assim, essa descrição teve continuidade com uma análise, onde as descrições obtidas foram analisadas e discutidas com objetivo de descobrir e mensurar os resultados para tornar possível a produção de materiais didáticos para alunos surdos no ensino de Geografia, no 7º ano do Ensino Fundamental II.

Nesse sentido, o instrumento de pesquisa foi o próprio livro didático de Geografia do 7º ano, o qual analisou em seus diversos conteúdos: atividades (exercícios, experiências), imagens (quadrinhos), mapas, gráficos, textos (poemas, músicas, histórias). A partir da análise e percepção desses conteúdos, se desencadeou uma reflexão: “Os livros didáticos realmente trazem um conteúdo adequado para os alunos surdos?”. Na oportunidade, foram desenvolvidos mecanismos de adaptação para alguns dos conteúdos.

A estratégia de levantamento bibliográfico permeou a pesquisa, uma vez que houve coletas de dados em fontes bibliográficas como livros e artigos para auxiliar na produção dos materiais didáticos. Todavia, vale ressaltar que dependendo da forma da abordagem dos assuntos nem sempre é necessária a produção do material e sim sua adaptação.

Os principais autores que subsidiaram essa pesquisa foram Quadros (2006) e Skliar (1998), que tratam sobre estudos surdos, os demais autores abordados na análise são tanto da área do ensino quanto da área da Geografia.

RESULTADOS E DISCUSSÃO.

Assuntos utilizados nos livros didáticos de Geografia do 7º ano.

De acordo com os planos de cursos do 7º ano (examinados através dos livros didáticos), foi possível perceber que os eixos temáticos mais frisados são: território brasileiro, população brasileira, industrialização e urbanização do Brasil e as Regiões do Brasil (Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul). Dentro desses eixos cada livro didático apresenta uma listagem de conteúdos que são abordados de acordo com a linha específica da editora. A saber, os livros didáticos analisados foram os seguintes: Projeto Araribá: geografia, da editora moderna; Coleção perspectiva: geografia, da editora do Brasil; Geografia Espaço e Vivência: editora Saraiva, e Projeto Teláris Geografia: o espaço social e o espaço brasileiro, da editora ática.

A partir da identificação dos conteúdos, decidiu-se fazer um quadro geral (Quadro 1) de parâmetros de análise de conteúdos a fim de contemplar como um todo as atividades, imagens, mapas, gráficos e textos para uma percepção geral do que é oferecido nas escolas para alunos surdos e não surdos. Essa análise dos conteúdos utilizou os parâmetros de profundidade – que está relacionado à profundidade das ideias; linearidade – a utilização de uma sequência lógica para encadear os conteúdos; clareza – compreensão do discurso; criatividade – possibilidades diversas para ajudar na fixação dos conteúdos, e interdisciplinaridade – integração entre várias disciplinas quando explanado um objeto em comum.

Quadro 1– Análise dos conteúdos dos livros didáticos utilizados nas unidades escolares⁴.

⁴ Notas:

Livro didático:

1. Projeto Araribá: Geografia. Editora Moderna.
2. Coleção Perspectiva: Geografia. Editora do Brasil
3. Geografia Espaço e Vivência: Editora Saraiva.
4. Projeto Teláris Geografia: O espaço social e o espaço brasileiro. Editora Ática.

Conteúdo:

- a) Território Brasileiro.
- b) População Brasileira.
- c) Industrialização e Urbanização do Brasil
- d) Regiões do Brasil.

Livro Didático	Análise dos Conteúdos				
1.Araribá	Profundidade	Linearidade	Clareza	Criatividade	Interdisciplinaridade
a)Território Br.	Regular	Ótimo	Ótimo	Regular	Bom
b) População	Bom	Ótimo	Ótimo	Regular	Regular
c) Ind. e Urb.	Regular	Bom	Bom	Fraco	Bom
d) Regiões Br.	Bom	Ótimo	Ótimo	Bom	Fraco
2. Perspectiva					
a)Território Br.	Fraco	Regular	Bom	Ótimo	Bom
b) População	Fraco	Regular	Regular	Ótimo	Fraco
c) Ind. e Urb.	Regular	Bom	Bom	Ótimo	Bom
d) Regiões Br.	Bom	Bom	Bom	Bom	Fraco
3. Espaço e vivência					
a)Território Br.	Ótimo	Regular	Bom	Bom	Bom
b) População	Ótimo	Ótimo	Bom	Regular	Regular
c) Ind. e Urb.	Ótimo	Regular	Bom	Bom	Bom
d) Regiões Br.	Ótimo	Regular	Bom	Ótimo	Bom
4.Teláris					
a)Território Br.	Bom	Ótimo	Ótimo	Bom	Fraco
b) População	Bom	Ótimo	Ótimo	Regular	Fraco
c) Ind. e Urb.	Ótimo	Ótimo	Ótimo	Regular	Bom
d) Regiões Br.	Bom	Ótimo	Ótimo	Regular	Fraco

Fonte: Elaboração própria

Diante desse resultado, percebe-se que os livros didáticos têm sido reformulados e aparentam uma modernidade que busca acompanhar os novos tempos tecnológicos, onde os alunos são atraídos pelo visual e por atividades criativas. Essa análise permitiu definir as facilidades e dificuldades que os livros didáticos apresentam para os alunos entendê-los, porém, mesmo diante desse resultado, que em geral é positivo, percebe-se que em um mesmo livro didático encontram-se diferentes assuntos, ora com elementos que tornam os conteúdos atrativos e ora que demonstram carências que podem ser completadas pelos professores.

Assim, cabe criar estratégias e adaptar conteúdos, isso porque só é disponibilizado para o aluno um livro didático de geografia, sendo que o contato com livros de outras editoras, sites e livros ajudam a ampliar as possibilidades de aprender determinados assuntos, que às vezes são apresentados em

determinados livros didáticos de forma superficial, não-linear e sem atrativos visuais. Em suma, sabe-se que o conteúdo no livro didático deve estar disposto de tal maneira que haja validade, pertinência, objetividade, consistência, clareza, linearidade e adequação para que as atividades extraclases ou de fixação de conteúdos suceda sem obstáculos.

Dificuldades no ensino de Geografia no 7º ano para o aluno surdo

As maiores dificuldades dos alunos surdos estão relacionadas à sua língua natural e a obrigatoriedade de saber a língua portuguesa escrita. Por conta disso, muitas vezes os alunos do 7º ano ainda escrevem de forma diferente, como por exemplo, não utilizam conectivos (conjunções, preposições, alguns verbos, etc.); outro fator é a interpretação ao pé da letra, a qual não forma sentido para esse aluno. Dentro dessas perspectivas, nota-se que o auxílio do recurso visual é imprescindível, uma vez que essas pistas visuais formam significado a partir do momento que o professor consegue envolver o aluno no contexto da aula.

Nesse sentido, de acordo com o resultado do levantamento bibliográfico, a problemática do ensino da geografia para os alunos surdos é a interpretação de textos escritos e longos, e de termos específicos da geografia, uma vez que muitos desses termos não têm sinais específicos em LIBRAS e quando tem é repetido para designar outros termos semelhantes, mas que na geografia são diferentes (exemplo: rural e campo).

Em relação à pesquisa em questão, de acordo com os parâmetros utilizados na análise dos conteúdos, acredita-se que os assuntos do 7º ano com mais subjetividade seria os que estão no eixo de industrialização e urbanização no Brasil, uma vez que geralmente é abordado sem colocar o sujeito como participante deste processo ou é abordada partes isoladas do assunto. O livro didático de Geografia da Coleção Perspectiva, por exemplo, apesar de tentar abarcar grande quantidade de assuntos sobre industrialização não consegue dar conta, contudo, traz bastantes sugestões de análises de imagens neste conteúdo, ratificando que para abordar esse assunto é necessário recorrer a outros instrumentos, bem como notícias, legislações, históricos, mapas, atividades práticas e de extraclases.

Por outro lado, o livro didático do Projeto Teláristraz um bom aprofundamento do assunto e uma linguagem clara e linear, muitas vezes iniciando o assunto a partir da análise de imagens e lançando perguntas guias para identificar o conhecimento prévio do aluno, no entanto, as propostas de atividades práticas e sugestões de pesquisas extraclases são escassas, sendo que elas podem facilitar a compreensão e fixação do conteúdo, principalmente para o aluno surdo que aprende mais ao exercer uma atividade prática.

O livro didático Projeto Araribá, aborda o conteúdo de forma clara, coerente e de fácil compreensão (característica essa evidenciada também nos gráficos). Em consonância, as ilustrações estão sempre presentes, contribuindo para o bom entendimento dos assuntos. As atividades possuem um enunciado com uma linguagem transparente e objetiva. Porém é um livro com um conteúdo bastante resumido, sem grandes riquezas de detalhes.

O livro didático Geografia Espaço e Vivência traz um conteúdo bastante aprofundado, completo e atualizado, sendo sempre iniciado a partir de imagens acompanhadas de pequenos textos introdutórios e perguntas referentes as ilustrações, o que também pode nortear o professor no início da sua aula sobre o assunto. Além disso, apresenta algumas propostas de atividades com análise de imagens, bem como em seu próprio conteúdo apresenta comparações de ilustrações, podendo constituir uma estratégia para facilitar o entendimento do assunto pelo aluno surdo. Todavia, sugere muitas atividades mecânicas e cansativas, com longos enunciados, estabelecendo um ponto negativo na composição do livro.

Materiais pedagógicos no ensino de Geografia no 7º ano para alunos surdos

De acordo com Kimura (2010, p.22) “existem livros didáticos de Geografia preferidos pelos professores, uma vez que além das informações ou os chamados conteúdos geográficos propriamente ditos, eles apontam as atividades a serem realizadas pelos alunos”. Esses livros, geralmente de abordagem construtivista, nem sempre são os aprovados na avaliação pedagógica, por não estar adequado ao projeto político-pedagógico da escola e nem a realidade sociocultural da instituição.

Por conta disso, a proposta de elaboração de materiais didáticos pedagógicos para alunos surdos no ensino de geografia do 7º ano é uma

necessidade, podendo partir primeiramente do próprio ambiente da sala de aula, ao criar um painel de Geografia onde seriam colocadas informações e notícias à medida que os conteúdos vão sendo trabalhados.

Em relação à linguagem específica da geografia, o livro didático da coleção perspectiva dá a sugestão, que pode ser adaptada para o aluno surdo, da criação de um dicionário geográfico ilustrado. O dicionário é para colocar os termos mais importantes, com a explicação e a ilustração adequada, podendo o surdo colocar também o sinal correspondente da palavra. A sugestão é “dividir o caderno conforme as letras do alfabeto, separando três ou quatro páginas para cada letra” (MAGALHÃES, et.al., 2009, p.47).

Para, além disso, a partir da análise do conteúdo sobre industrialização e urbanização no Brasil foi elaborada uma sequência didática, uma vez que estudos surdos demonstram que essa é uma das melhores formas de se trabalhar com o aluno surdo. A saber, a sequência didática é:

[...] um conjunto de propostas com ordem crescente de dificuldade. Cada passo permite que o próximo seja realizado. Os objetivos são focar conteúdos mais específicos com começo, meio e fim [...] Em sua organização é preciso prever esse tempo e como distribuir as sequências em meio às atividades permanentes e aos projetos (ANDRADE; GUIMARÃES, 2009, p.27).

Neste caso, a avaliação é de caráter processual e qualitativo, considerando o desenvolvimento do aluno durante o processo ensino-aprendizagem. Portanto, nota-se que o planejamento é indispensável para traçar objetivos e metodologias que permite abranger o processo de cognição, indo contra a uma prática avaliativa improvisada e reconhecendo que a avaliação não é um instrumento de verificação e critérios de análise de desempenho final, e sim uma prática contínua e integrada ao processo educacional (HOFFMANN, 2005) que possibilita que o aluno ascenda na escolarização a partir de suas capacidades diferentes.

Dessa forma o modelo proposto é para exemplificar de que forma os professores podem complementar os estudos para os alunos surdos, lembrando que essas sugestões não precisam ser utilizadas na íntegra e não são limitantes, uma vez que existem diversas possibilidades e a elaboração de materiais

depende da criatividade de cada professor e da realidade vivenciada na sala de aula.

Proposta de ensino de Geografia para alunos surdos.

Tema:

Industrialização brasileira e a relação com os rótulos e as embalagens.

Conteúdo abordado em aulas anteriores:

Industrialização brasileira, suas características e o processo de concentração e desconcentração.

Público Alvo:

Alunos do 7º ano (surdos e não surdos), do ensino fundamental II.

Introdução:

Os rótulos e as embalagens são suportes textuais que cumprem a função de informar. Entretanto, nem sempre temos a prática de identificar essas informações, situação está que foi comprovada com o levantamento do Instituto Brasileiro de Defesa do Consumidor que fez parte da *Consumers International* em nove países, na qual concluiu que os brasileiros são os que menos sabem identificar os dados nutricionais informados nos rótulos (Fonte: O globo online, 24 maio 2013).

Diante disso, o professor pode utilizar informações gerais que ajudam na formação cidadã do aluno, bem como se disponibilizar para aprender com a realidade dos alunos e confrontar os seus próprios conhecimentos com os conteúdos escolares. Nesse sentido, nota-se que é comum ser utilizado alimentos industrializados de uma mesma marca pelas pessoas e nem sempre se sabe onde o mesmo foi produzido, por isso esta proposta visa contribuir de forma significativa para os avanços dos alunos surdos e não surdos no processo de aquisição de aprendizagem em relação à industrialização brasileira.

Objetivo Geral:

Analisar, a partir dos rótulos e embalagens, a presença dos diferentes produtos das indústrias brasileiras nos nossos lares.

Objetivos Específicos:

- Selecionar rótulos de diversas regiões brasileiras;
- Construir um mural do mapa do Brasil com os rótulos.

Fonte: Elaboração própria.

4º Momento

Depois do painel pronto o professor fará os seguintes questionamentos:

- Em qual região foram coladas mais embalagens?
- Porque existem mais embalagens nessa região?
- Há uma concentração industrial em qual região?
- Há uma menor concentração industrial em qual região?
- Quais dessas indústrias existem em sua cidade?

5º Momento

Atividade extraclasse:

Elaborar um quadro comparativo das fases da industrialização brasileira, através de desenhos ou imagens pesquisadas, e colocar o período e a característica principal.

Instrumentos e recursos:

Papel madeira; Embalagens de produtos; Piloto; Cola; Hidrocor; Tesoura sem ponta; Quadro branco; Datashow; Régua; Papel sulfite colorido.

Avaliação:

1ª Proposta:

A avaliação será de caráter processual, levando em consideração o envolvimento e interesse dos educandos nas atividades propostas.

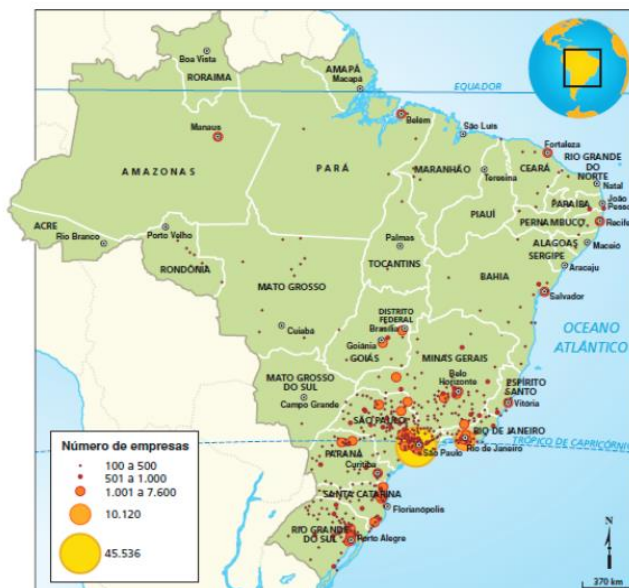
2ª Proposta (que não anula a primeira):

Fazer uma atividade avaliativa após dar todo o conteúdo sobre industrialização, utilizando uma linguagem clara.

Testando os conhecimentos sobre industrialização no Brasil.

1. Observando na Figura 2, responda:

Figura 2 – Mapa Industrialização do Brasil

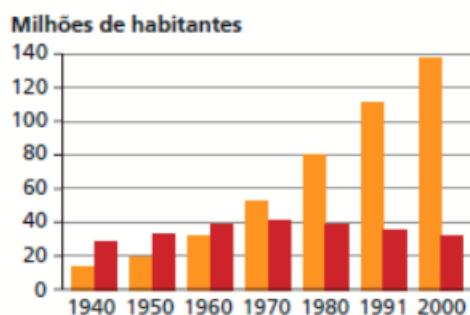


Fonte: VEDOVATE, 2010.

- a) Qual a região que tem maior número de indústrias?
- b) Qual a vantagem da desconcentração industrial em alguns lugares no Brasil?

2. Observe o gráfico abaixo e responda: Que mudança na sociedade brasileira está representada nos dados do gráfico (Figura 3)?

Figura 3 – Gráfico do número de Habitantes no Brasil população urbana e rural.



Fonte: VEDOVATE, 2010.

3. Observe a imagem a seguir e comente: A economia e cultura do cacau e de seus derivados representam a identidade local da Região Sul da Bahia (Figura 4).

Figura 4- Loja Chocolate Caseiro em Ilhéus-BA.



Fonte: <https://melhoresdestinosdobrasil.com.br/os-melhores-destinos/ilheus-ba/>

4. Preencha os espaços abaixo com a alternativa correta:

A região _____ tem atraído elevados investimentos para seu setor econômico. Dentre as principais indústrias, estão as do ramo alimentício, calçadista e vestuário. O parque industrial _____ atua principalmente na produção de produtos _____, alimentos, bebidas, metalurgia, automóveis, combustíveis. As principais áreas industriais do Nordeste se concentram em _____, Salvador e Fortaleza.

- a) Nordeste – cearense – petroquímicos –Paraíba.
- b) Sudeste – paulista – físicos –Natal.
- c) Centro-Oeste – mineiro – mineradoras –Alagoas.
- d) Nordeste – baiano –químicos –Recife.
- e) Sul – sulista – farmacêutico –João Pessoa.

5. Por que a indústria é a atividade humana que mais modifica a natureza e os espaços geográficos? Cite exemplos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As dificuldades na utilização do livro didático é a forma que o mesmo é utilizado, pois ele não é um livro guia do ensino-aprendizagem. O livro deve ser utilizado como material auxiliar de apoio de trabalho didático do professor, podendo ele se apropriar de outras mídias e até da tecnologia educacional. Nesse sentido, a elaboração de novos mecanismos além de beneficiar o aluno surdo contempla os não surdos.

Sendo assim, a realização da análise dos livros didáticos de geografia do 7º ano demonstrou que os conteúdos podem ser ensinados de diversas formas, através da utilização de imagens, charges, criação de maquetes, dicionários ilustrados, notícias de jornais, poemas, pesquisa de campo que ao passarem por uma pequena adaptação a mediação para aluno surdo acontece de forma mais eficaz.

Cabe lembrar que as propostas elaboradas e sugeridas são passíveis de falhas, uma vez que cada aluno surdo apresenta uma especificidade diferente, o que cabe ao professor buscar a melhor forma de aplicar os conteúdos. Para alguns professores a prática sugerida não é uma novidade, mas é um norte para aqueles que estão acostumados a trabalhar com textos e não inserem práticas materializáveis em aula. Além de ratificar que para alcançar o aluno surdo podem-se utilizar práticas que, às vezes, é considerada óbvia e por isso não se utiliza.

Em suma, o artigo pretende sensibilizar e somar com a prática pedagógica do docente de Geografia, bem como despertar que se faz necessário divulgar relatos de práticas pedagógicas, uma vez que não se encontra pesquisas de modelos didáticos para o ensino de geografia para os educandos surdos.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, L; GUIMARAES. A. **O quebra-cabeça das modalidades organizativas**. 2009. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/planejamento-eavaliacao/planejamento/quebra-cabeça-426234.shtml>>. Acesso em: 23 maio 2013.

BRASIL. MEC. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, MEC, 1996.

_____. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. **Diário Oficial [da República Federativa do Brasil]**, Brasília, DF, nº 79, p.23, 25 abr. 2002. Seção 1.

CAVALCANTI, L. de S. **Geografia e práticas de ensino**: geografia escolar e procedimentos de ensino numa perspectiva sócio construtivista. Goiânia: Alternativa, 2002.

COLL, C.; ELENA, M. **Aprender conteúdos & desenvolver capacidades**. São Paulo: Artmed, 1986.

FREITAS, R. **Ensino de geografia e educação inclusiva**: estratégias e concepções. Disponível em: <http://devotuporanga.edunet.sp.gov.br/OFICINA/Ensino_de_Geografia.pdf>. Acesso: 3 jun 2013.

HOFFMANN, J. **Avaliação Mito & Desafio**: uma perspectiva construtivista. 40. ed. Porto Alegre: Mediação. 2005. 104 p.

KIMURA, S. **Geografia no ensino básico**: questões e propostas. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

MAGALHÃES, C; et al. **Coleção perspectiva**: geografia. São Paulo: Brasil. 2009.

MENEZES, E. T.; SANTOS, T. H. "Contextualização" (verbetes). **Dicionário Interativo da Educação Brasileira** - Educa Brasil. São Paulo: Midiamix Editora, 2002. Disponível em: <http://www.educabrasil.com.br/eb/dic/dicionario.asp?id=55>>. Acesso: 4 jun 2013.

O processo de industrialização. Disponível em:<<https://www.youtube.com/watch?v=bTJNBmevLXM>>. Acesso: 11 jun 2013.

PAIVA, V. L.M.O. **História do material didático**. Disponível em:<<http://www.veramenezes.com/historia.pdf>>. Acesso em: 5 jun 2013.

QUADROS, R. M. de. O "bi" lingüismo na educação de Surdos. In: FERNANDES, E. (Org.). **Surdez e bilinguismo**. Porto Alegre: Mediação, 2007.

QUADROS, R.M. & SCHMIEDT, L.P. **Ideias para ensinar português para surdos**. Brasília: MEC, SEESP, 2006. Disponível em:<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/port_surdos.pdf>. Acesso em: 3 jun 2013

Resolução Nº 4 de 2 de outubro de 2009. CNE. CEB. Disponível em: http://blogdocne.blogspot.com/2009/10/resolucao_cneceb_n_042009.html.

SILVA, L. C. da; BARAÚNA, S. M. A inclusão escolar do surdo: algumas reflexões sobre um cotidiano investigado. **Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 16, n. 27, jan./jun., 2007. p. 56-67.

SKLIAR, C. (Org.). **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. 2. ed. Porto Alegre: Mediação. 2001.

_____. **Educação & exclusão**: abordagens sócio antropológicas em educação especial. Porto Alegre: Mediação. 1997.

VEDOVATE, F.C (editor). **Projeto Araribá**: geografia: ensino fundamental/obra. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2010.

VESENTINI, J. W. **O Ensino de Geografia no Final do Século XX**. São Paulo: Ática, 1996.

VILAÇA, L. C. O material didático no ensino de língua estrangeira: definições, modalidades e papéis. **Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades da UNIGRANRIO**, v. 8, n. 30, jul/set, 2009.